

Viagens da Saudade

Coordenação

Maria Celeste Natário

Paulo Borges

Luís Lóia

Organização

Cláudia Sousa

Nuno Ribeiro

Rodrigo Araújo

Porto

2019

FICHA TÉCNICA

Título: **Viagens da Saudade**

Coordenação: Maria Celeste Natário
Paulo Borges
Luís Lóia

Organização: Cláudia Sousa
Nuno Ribeiro
Rodrigo Araújo

Editor: Universidade do Porto. Faculdade de Letras

Ano de edição: 2019

ISBN: 978-989-8969-26-2

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-8969-26-2/viag>

URL: <https://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id022id1671&sum=sim>

Vânia Duarte*

O feminino e a saudade

Resumo: O feminino e a saudade são referenciados implícita ou explicitamente em diversos autores, nomeadamente por Dalila Pereira da Costa e Teixeira de Pascoaes. Se na obra de Teixeira de Pascoaes a influência do Gnosticismo é comumente aceite, derivando daí a aproximação da saudade com o feminino, em Dalila Pereira da Costa tal não é evidente, talvez pelo desconhecimento da sua obra pelo público em geral. Esta comunicação tem, portanto, como intuito explorar a relevância do feminino na expressão da saudade, identificar a dinâmica que se estabelece entre os dois conceitos e analisar a forma como são representados em *Marânus* de Teixeira de Pascoaes e na obra de Dalila Pereira da Costa.

Palavras-chave: feminino, saudade, Teixeira de Pascoaes, Dalila Pereira da Costa.

Saudade and the feminine

Abstract: The feminine aspect of saudade is a *topos* which is implicitly or explicitly used by several authors, namely Dalila Pereira da Costa and Teixeira de Pascoaes. If in Teixeira de Pascoaes the influence of Gnosticism is commonly accepted, deriving therefrom the proximity between saudade and the feminine, in Dalila Pereira da Costa this correlation is not so evident, due perhaps to the unfamiliarity of her work. This paper seeks to explore the relevance of the feminine in the conceptualisation of saudade and analyse how both concepts are represented in *Marânus* of Teixeira de Pascoaes and in the work of Dalila Pereira da Costa.

Keywords: feminine, *saudade*, Teixeira de Pascoaes, Dalila Pereira da Costa.

* Doutoranda em Estudos Feministas, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. E-mail: vaniassenos@yahoo.com

A minha investigação no âmbito dos Estudos Feministas tem, como ponto fulcral de análise, o estudo de representações e ideários que subjazem à conceptualização do feminino, em Portugal, num espaço temporal circunscrito ao século XX.

Ora, o convite para participar neste colóquio conduziu-me à questionação sobre como relacionar a minha área de estudos com a temática da saudade. Logicamente, afigurou-se-me plausível articular “saudade” e “feminino”, baseando-me em autores que o fizeram expressamente como, por exemplo, Teixeira de Pascoaes e Dalila Pereira da Costa.

O que proponho então é entender qual a relevância do feminino na expressão da saudade, qual a dinâmica que se estabelece entre os dois conceitos e analisar a forma como são representados.

A saudade, no século XX, foi largamente teorizada por diversos autores. Segundo Miguel Real⁹⁷⁵, no prefácio do livro de Pedro Martins, poder-se-ão delimitar as teses propostas durante este período em três grandes divisões: teses ontológicas, histórico-críticas e analíticas.

Nas primeiras, a saudade identifica-se com o destino sagrado de Portugal, atingindo «um nível teológico de redenção e salvação» em escritores como Teixeira de Pascoaes, Agostinho da Silva e Dalila Pereira da Costa.

Por seu lado, as teses histórico-críticas de António Sérgio, Eduardo Lourenço ou Boaventura de Sousa Santos centram-se na anulação da saudade enquanto motor de engrandecimento de Portugal e dos portugueses.

Por fim, as teses analíticas agrupam-se na constatação da existência da saudade como característica do povo português, sendo uma das suas proponentes Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Efetivamente, no estudo⁹⁷⁶ realizado para a revista *Dionysos*, em 1913, que não veio a prelo, mas que foi posteriormente publicado pela editora da Renascença Portuguesa, a autora afirma o seguinte:

Nem nego que a Saudade seja traço distintivo da melancólica psique portuguesa e das suas manifestações musicais e líricas, muito mais do que a *Sehnsucht* é característica da alma germânica. Reflectida, filosófica, acatadora do imperativo categórico da Razão pura, ou hoje em dia, do imperativo energético da actividade ponderada, essa tem muito maior força de resistência contra sentimentalismos deletérios (VASCONCELOS, 1914, p. 35).

⁹⁷⁵ MARTINS, Pedro, *Teoria Nova da Saudade*, Editora Zéfiro, Sintra 2013, p.13.

⁹⁷⁶ VASCONCELOS, Carolina, *A Saudade Portuguesa*, Edição da Renascença Portuguesa, Porto, 1914.

Note-se que, em trecho anterior, Carolina Michaëlis identifica *Sehnsucht* como saudade, embora atribua uma dimensão metafísica ao sentimento germânico pois, segundo a autora, «aspira a estados e a regiões ideais, sobrehumanas, ao *Além*» (VASCONCELOS, 1914, p. 35).

Retomando a tese ontológica supramencionada, e para explicitar melhor a ligação entre “feminino” e “saudade”, é necessário retomar as linhas doutrinárias de Teixeira de Pascoaes.

Para Pascoaes, a saudade é a «alma da alma portuguesa»⁹⁷⁷ constituindo-se, segundo o próprio, como uma nova religião e, conseqüentemente, uma «nova Arte, nova Filosofia e um novo Estado» (PASCOAES, 1988, p. 48). É a união do sangue ariano com o sangue semita, síntese do espiritualismo cristão e do naturalismo pagão, resultando, portanto, desta junção, uma nova fé.

No opúsculo *O génio português na sua expressão filosófica, poética e religiosa*, de 1913, é pelo paganismo que a saudade «está ligada à natureza daquém da parte espiritual do homem; e pelo Cristianismo, à natureza que fica além da parte animal do homem» (PASCOAES, 1988, p. 76).

Neste mesmo texto, Pascoaes analisa quadras populares e, numa delas, identifica a Saudade como feminina, mediadora, salvadora:

Nesta sublime canção do Povo, a Saudade é já a Virgem redentora, Mãe de misericórdia e esperança, anunciando aos homens uma nova vida eterna: - a Eternidade em espírito, activa, impondo-se à morte dominada, e não a eternidade no tempo, fora do esforço humano, simples dádiva dos Deuses (PASCOAES, 1988, p. 71).

Repare-se na transformação a que Teixeira de Pascoaes alude: «a Saudade é já Virgem redentora», ou seja, houve transmutação, permitindo a ascensão a uma dimensão superior. Ao continuar a análise da quadra, Pascoaes menciona ainda o motivo gerador da saudade: o amor. A saudade é «amor em ação», «isto é, reproduz-nos espiritualmente na alma de outra criatura, onde ficamos a viver».

Julgo ser pertinente realçar a influência dos Fiéis do Amor em Pascoaes, como, de resto, Pedro Martins constata. Os Fiéis do Amor, organização iniciática e movimento literário⁹⁷⁸ do século XIII, não reconheciam a autoridade espiritual da Igreja de Roma, tal como Teixeira de Pascoaes, que profetiza uma nova Igreja, a Lusitana. Estes Cavaleiros do Amor cultuavam a mulher, enquanto representação do intelecto transcendente, a Sabedoria e o Amor.

⁹⁷⁷ PASCOAES, Teixeira, *A Saudade e o Saudosismo (dispersos e opúsculos)*, Assírio e Alvim, Lisboa 1988, p. 63.

⁹⁷⁸ GUÉNON, René, *O Esoterismo de Dante*, Vega, Lisboa 1995.

José Manuel Anes⁹⁷⁹, ao analisar *As Núpcias*, de Natália Correia, utiliza um quadro teórico que pode ser útil neste contexto:

Nesta via iniciática dos Fiéis do Amor de todos os tempos e latitudes “a mulher é o *espelho (mazhar)* no qual o homem contempla a sua própria imagem, aquela que era o seu ser escondido, o eu, que ele deverá conhecer para conhecer o seu próprio senhor” (H. Corbin – A Imaginação Criadora do Sufismo de Ibn’Arabi); para este mesmo autor, o ser feminino é uma “imagem teofânica por excelência”, sendo contemplado como “a Imagem da Sabedoria ou da Sofia Criadora”. Para o poeta-místico Rumi, “a mulher é o raio de luz divina/não é o ser que o desejo dos sentidos toma por objeto/ela é criadora/...não é uma criatura (Mathnani), mas embora ela não seja “o ser que o desejo dos sentidos toma por objeto”, é a intensidade do desejo amoroso que provoca a íntima revelação do Fiel do Amor (ANES, 1997, p. 129).

Destaco, desta citação, a contemplação da mulher e a revelação do eu escondido, que se poderá identificar com Eleonor, de *Marânus*, como explicitarei *a posteriori*.

Em *Marânus*⁹⁸⁰, publicado em 1911, são-nos descritas várias personagens femininas, num cenário de luz e de sombras, natural e maternal. A primeira “Figura” que assoma, como que milagrosamente, nas deambulações de Marânus, é Eleonor, a Luz que se veste de Luz. É ela própria que, curiosamente, se revela ao longo de todo o poema, como nos demonstram os seguintes versos: «Eu sou a tua alma aparecida», «Sou aquela que é amada e que não ama,/Porque meu ser é eterno e virginal», «Tu és o amor amante; eu sou o amor/Amado. Eu sou a vida e tu, somente,/ És aquilo que vive. Eu sou a dor/ E a dor não sofre, não, mas é sofrida». A par desta autocaracterização, Eleonor desvenda ainda o seu propósito: «vim rasgar as névoas, desvendar/Esse antigo segredo da Natura/E o sagrado mistério da tua raça».

No momento em que Marânus se encontra com a Pastora, Eleonor surge e pede a este que a siga, prometendo-lhe a revelação, num percurso solitário e em silêncio, em direção à Serra do Marão. A Pastora insurge-se, mas em vão, pois Marânus escolhe percorrer o caminho, iniciando um processo de autognose, despoletado não só por Eleonor, mas também pela visão da terra-mãe.

No canto VI, a Sombra do Marão relata a criação do mundo, à semelhança do Evangelho de João – «No Princípio era...» não o Verbo, mas a Sombra. Curiosamente, o “Verbo” surge posteriormente, associado à cor azul, que a meu ver pode ter vários sentidos, tais como o feminino, a sabedoria ou o divino.

Após o aparecimento das estrelas e do Verbo, é-nos descrita a formação da alma do homem – «essência espiritual e imorredoura», extraída da terra mãe. Assim se criou o homem, criatura e

⁹⁷⁹ ANES, José, *Re-criações herméticas*, Hugin, Lisboa 1997.

⁹⁸⁰ PASCOAES, Teixeira, *Obras Completas de Teixeira de Pascoaes*, III, Livraria Bertrand, Amadora, s.d.

criador, porque em si, e pelo amor, se revela Deus. Note-se ainda nos seguintes versos o entendimento do mundo natural e espiritual: «O reino espiritual/Pertence à mesma ignota natureza das cousas/só mais belo e mais perfeito» ou, ainda, «O que é a Natureza? É qualquer cousa/Que não sendo matéria nem espírito,/ Na sua evolução misteriosa,/ Toma formas de espírito e matéria». No canto VII Marânus continua, ensimesmado, a deambular na infinita “soledade”, quando surge a Saudade. Pascoaes recorre a grafias diferentes de forma a diferenciar dois estados - o primeiro remete-nos para a solidão, enquanto o segundo, numa primeira fase, representa a imagem saudosa da pastora.

É, no diálogo entre a Pastora e Marânus, que nos é explicada esta existência dual do feminino, representada por Eleonor e a Pastora/Saudade. Eleonor reside no homem, é o seu ser espiritual que, através do feminino, se aproxima de Deus e do universo. É neste plano superior que o homem encontra a libertação da sua condição. A Pastora, por seu lado, ao longo do poema transformar-se-á em Saudade, «Virgem Mãe/ que sobre a terra santa portuguesa/ conceberás, isenta de pecado/ O Cristo da esperança e da beleza».

Nesta passagem é notória a influência Joaquimita das três Idades: Pascoaes profetiza uma nova era, fraterna, lusitana, concebida, gerada pela Saudade.

Após o nascimento do menino, Marânus regressa a si e a Eleonor, pela morte. A Saudade aguarda pelo regresso de Marânus e, só pelo próprio sentimento saudoso, é que os esposos se unem para a eternidade.

Após esta breve análise das representações do feminino em Teixeira de Pascoaes, gostaria de explorar a conceptualização da saudade, de Dalila Pereira da Costa.

Para esta autora, em *Entre Desengano e Esperança*⁹⁸¹, a saudade, abolindo barreiras temporais e espaciais, conduz o homem à libertação, pois o *Homo Viator*, entre Esperança, Lembrança, Desejo e Dor, anseia pelo regresso ao paraíso. A saudade, segundo Dalila Pereira da Costa, possui uma matriz marcadamente feminina, o que a leva a elaborar uma série de questões sobre a sua origem, concluindo o seguinte:

Assim, a saudade teria nascido aqui, ao fundo dos milénios, das entranhas dessa deusa, a quem os seus adoradores nomeavam a *Meiga*. Natureza doce e cruel. De matriz feminina, como de placenta primeira; mas, nessa natureza feminina, sempre tendendo à união com a natureza masculina em complementaridade: nesse sentimento saudoso, como memória paradisíaca duma união primordial. Assim, esse princípio cósmico feminino vivendo a saudade, ansiaria pelo princípio cósmico masculino (COSTA, 1996, p. 11).

⁹⁸¹ COSTA, Dalila, *Entre Desengano e Esperança*, Lello Editores, Porto, 1996.

Portanto, apesar de a matriz originária da saudade ser feminina, há uma procura constante do princípio masculino, da complementaridade, de um estado andrógino primordial.

Um outro aspeto que tenciono ainda referenciar é a conceção do amor, em Dalila Pereira da Costa. No capítulo *Amor e Saudade entre Grécia e Galécia* da obra supracitada, a escritora identifica saudade e amor como sendo de essência semelhante, *daïmons* que medeiam a ascensão do homem ao divino. Assim como Diotima, mulher, inicia Sócrates nos mistérios do amor, também os poetas, pensadores e filósofos galaico-portugueses desempenham uma função semelhante na transmissão do mistério amor-saudade.

Ainda neste ensaio é possível ver a ligação que Dalila estabelece entre saudade e amor com a religião arcaica da Grande-Mãe, que teria existido a Nordeste da Ibéria, e sofrido um processo de sincretismo ao longo dos séculos, sincretismo esse presente na descrição feita por Camilo Castelo Branco, das festas de *Corpus Christi* em *O Santo da Montanha* (COSTA, 1996, p. 59).

Em *Da Serpente à Imaculada*⁹⁸² a autora afirma que o carácter telúrico, ctónico, feminino do culto da Grande-Mãe não desaparecerá, ao longo dos séculos, mas sim sofrerá um processo de síntese ou de sublimação (COSTA, 1984, p. 22), transformando-se em «ígneo, celeste, solar e masculino», graças à crescente cristalização do culto mariano. Em *A Nova Atlântida*⁹⁸³, Dalila, sobre a saudade, refere:

A saudade é assim num ser vivente a sua ligação ou passagem, entre devir e eternidade, terra e céu, morte e vida. A força dialética da passagem e união de contrários.
É este fruto-discurso de conhecimento-vida que cada um de nós tem de desenvolver e assumir, nesta vida mortal, uma a uma, um a um (COSTA, 1977, p. 27).

Após esta breve exposição, concluo que poderia ser interessante utilizar o quadro teórico de Dalila Pereira da Costa e aplicá-lo na análise de *Marânus*, visto que há, de facto, várias semelhanças: o feminino como elemento mediador, o caminho iniciático que cada um deve percorrer para ascender a um estágio superior ou a influência lunar-apolínea, sincretismo religioso de várias tradições.

Para Dalila Pereira da Costa, Diotima desempenha a mesma função da saudade, é o princípio feminino que despoleta o movimento de ascese à transformação e conhecimento. Em Teixeira de Pascoaes deparamo-nos com Eleonor – o princípio feminino que permite o mesmo movimento de

⁹⁸² COSTA, Dalila, *Da serpente à Imaculada*, Lello & Irmão Editores, Porto, 1984.

⁹⁸³ COSTA, Dalila, *A Nova Atlântida*, Lello & Irmão Editores, Porto, 1977.

ascese mas circunscrito ao eu. Por seu lado, a Pastora, transmutada em saudade pelo amor, é a geradora do salvador, messias de uma nova Idade, de uma nova raça lusitana.

Julgo ter demonstrado a multiplicidade-una das várias figuras femininas que nos foram descritas e a forma como se relacionam com a saudade. Julgo ser também pertinente salientar a importância das construções do masculino-feminino, nas várias formas de saber, pois são estas que nos deixam entrever a própria construção de todo um tecido social e cultural.